

Nas fronteiras da *explicação*

Maria Antónia Coutinho

Abstract:

The present paper is organized in three major parts. In the first one, we will discuss the status of *explication* within the scope of the linguistics domain concerning language functioning and use. We will be dealing with the following questions (among others). Why do people speak about pedagogical or scientific discourse, for instance, and not so much about *explicative discourse*? What must be understood by *explicative sequence* or *explicative text*? How useful are those questions? Is it meaningful to speak about explication as a discursive attitude?

An approach to the issues previously referred will stress the role of explication in knowledge construction. From this point of view, a second group of questions emerge: what kind of convergences and divergences can be relevant, about scientific and daily life activities? Concluding, we will try to argue about the insufficiency of explicative (causal) rationality in the scope of linguistics of language functioning and use, as social and human science.

Introdução

O presente trabalho começará por reflectir sobre o estatuto da *explicação* no âmbito de uma linguística do funcionamento e do uso, equacionando a distinção entre textos explicativos e discursos explicativos. Num segundo momento, será pensado o papel da *explicação* na construção de conhecimentos, procurando-se dar conta de (algumas) convergências e/ou divergências na actividade quotidiana e na actividade científica. Finalmente, perspectivar-se-á a insuficiência da racionalidade explicativa (causal) no âmbito da linguística do funcionamento, enquanto ciência social e humana.

Textos explicativos

O texto explicativo é normalmente pensado em função dos contributos de

Jean-Michel Adam, no que diz respeito à noção de sequência explicativa prototípica (Adam 1992) e à relação entre sequências prototípicas e texto explicativo (Adam 1992, 1999, 2001). Em termos muito gerais, limitar-nos-emos aqui a lembrar os seguintes aspectos:

- a sequência explicativa desenvolve-se normalmente através das seguintes fases: uma macroproposição inicial, frequentemente subentendida; uma problematização (frequentemente introduzida por *porquê...?*, *por que...?* ou *como...?*), que solicita a resposta propriamente explicativa; e por último – apesar de poder ser deslocada para o início da sequência ou

mesmo apagada – uma macroproposição conclusiva;

- um texto pode ter uma estruturação uni-sequencial ou pluri-sequencial;
- a estruturação pluri-sequencial pode ser: homogénea (quando todas as sequências correspondem ao mesmo protótipo textual); ou heterogénea (incluindo sequências que correspondem a diferentes protótipos textuais).
- a estruturação pluri-sequencial heterogénea pode funcionar: por combinação de sequências (através de relações de coordenação, alternância ou inserção); por dominância (tendo em conta o tipo de sequência que encaixa, isto é, que abre e fecha o texto, ou o tipo de sequência que permite resumir o texto).

O texto reproduzido no Anexo 1 – que corresponde a uma publicidade institucional – permite evidenciar que nem sempre as relações de combinação ou dominância chegam para dar conta da funcionalidade da sequência explicativa. Estamos neste caso em presença de uma sequência explicativa em que a fase de problematização está implícita e as outras fases são

inteiramente realizadas através de enunciados injuntivos. Trata-se portanto de um dado curioso – uma vez que a predominância quantitativa (se assim se pode dizer) da injunção não corresponde a uma sequência injuntiva mas sim, a uma sequência explicativa:

Poupe rios de água. [COMO?]

Demore menos no duche.

Use a máquina de lavar com a carga máxima.

Lave os dentes com a torneira fechada.

Faça a vigilância da rega.

Faça meia descarga do autoclismo.

Lave o carro com o balde e não com a mangueira.

Reutilize a água sempre que puder.

Discurso explicativo

No âmbito da análise do(s) discurso(s), atribui-se normalmente aos discursos – pedagógico, científico, político, religioso, etc. – as seguintes características:

- são entendidos como *tipos de discurso*, associados a um determinado sector de actividade da sociedade;
- englobam vários géneros (de discurso);
- podem recortar-se em função da pertença a um mesmo aparelho institucional ou de um mesmo campo ou posicionamento (ideológico) (cf. noção de *unidades dominiais*, Maingueneau 2005: 90-91)

O discurso explicativo parece, no entanto, alheio a esta caracterização geral, uma vez que:

- não está exclusivamente associado a um sector de actividade;
- mesmo que pareça (predominantemente) associado a determinados géneros, pode surgir em qualquer um.

Impõe-se então a pergunta: o que caracterizará o discurso explicativo? No intuito de procurar elementos para essa resposta, e na sequência de Grize, 1981, esquematizam-se dois sentidos possíveis de *explicar* – cf. Quadro 1.

De acordo com esta distinção, e na sequência agora de Borel, 1981, importa ainda diferenciar *explicar2* e *justificar*, tal como mostra o Quadro 2.

Explicação e construção de conhecimentos

Voltemos agora a uma das questões inicialmente colocadas: qual o papel da *explicação* na construção de conhecimentos? Tendo em conta as distinções estabelecidas, poderemos admitir, pelo menos em termos tendenciais:

- que a actividade científica assume uma pretensão objectivante ao nível do **explicar2** – marcada pela

presença reiterada de *discurso teórico* (Bronckart 1997), observável através da ausência de deícticos, do recurso a estruturas impessoais, a passivas (entre vários outros recursos linguísticos);

- que outras actividades manifestam a possibilidade de co-presença (e mesmo de ambiguidade!) entre **explicar2** e **justificar** – marcada pela ocorrência de discurso interactivo (a par da ocorrência de discurso teórico e mesmo, eventualmente, de outros tipos) – assinalado pela presença de deícticos espaciais e temporais, formas de 1ª e 2ª pessoas a reenviarem directamente para os intervenientes da interacção (entre outras formas linguísticas em presença).

O texto reproduzido no Anexo 2 corresponde a uma badana de um volume da humorista Maitena – e permite observar o aproveitamento (humorístico) da ambiguidade linguisticamente sustentada entre explicar e justificar – que a actividade editorial (humorística) permite ou mesmo explora.

Apontamentos – para continuar...

Limitar-me-ei aqui a apontar algumas das questões que parecem merecer desenvolvimento e aprofundamento, em trabalhos posteriores. A questão central prende-se com a insuficiência da racionalidade explicativa (causal) no âmbito da linguística do funcionamento e do uso que não pode, por definição, limitar-se a encontrar relações entre objectos: trabalha sobre objectos (textos e discursos) que implicam uma lógica *não standard*, isto é, uma **lógica natural, que envolve sujeitos e objectos** (cf. Grize, 1991). Deste ponto de vista, importa sublinhar três atitudes, ou três etapas, marcadas pelo papel da explicação, da interpretação e da compreensão, nas ciências sociais (cf. Schurmans, 2006):

- racionalidade explicativa (causal) e racionalidade tecnológica – o interesse do conhecimento está associado ao interesse de controlar o mundo
- racionalidade interpretativa - o interesse de conhecimento está associado à orientação do agir e passa pela (re)formulação do contexto em que se desenvolve o conhecimento (as questões da investigação estão associadas/traduzem as questões

que se colocam aos não-investigadores)

- racionalidade ética – o interesse do conhecimento é o da emancipação do conhecimento
- Interessa então trabalhar na perspectiva das **ciências sociais críticas e reconstrutivas**: “pour lesquelles la connaissance de quasi-lois est le support d’une appropriation possible, appropriation des régularités en motifs compréhensibles, et discutables ou amendables.” Apel, citado por Schurmans 2006: 78.

Referências bibliográficas

- Adam, J.-M. 1992. *Les textes. Types et prototypes*. Paris : Nathan
- Borel, Marie-Jeanne. 1981. Aspects logiques de l’explication. *Travaux du Centre de Recherches Sémiologiques de Neuchâtel* n° 38 (Le discours explicatif, 1ère partie), pp. 1-34
- Grize, Jean-Blaise. 1981. Logique naturelle et explication. *Revue européenne des sciences sociales*, tome XIX, 1981, n°56, 7-14
- Grize, Jean-Blaise. 1991. *Logique et langage*. Paris : Ophrys
- Maingueneau, Dominique. 2005. As categorias da análise do discurso. In Menéndez, F. (org.). *Análise do discurso*. Lisboa: Hugin
- Schurmans, Marie-Noëlle. 2006. *Expliquer, interpréter, comprendre. Le paysage épistémologique des sciences sociales*. Carnets des sciences de l’éducation. FPSE, Université de Genève

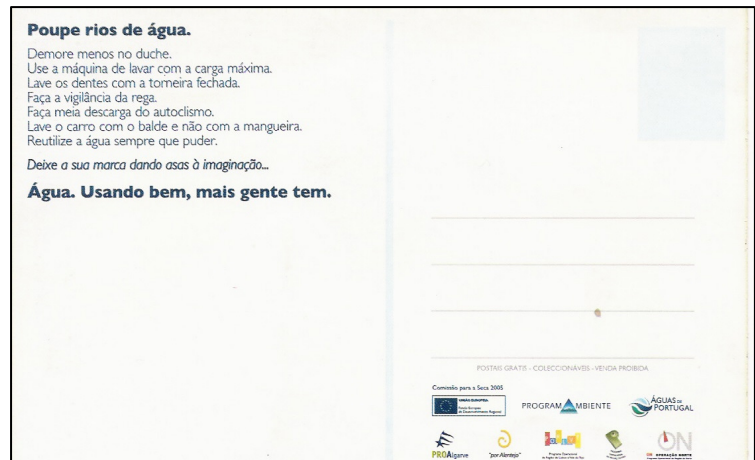
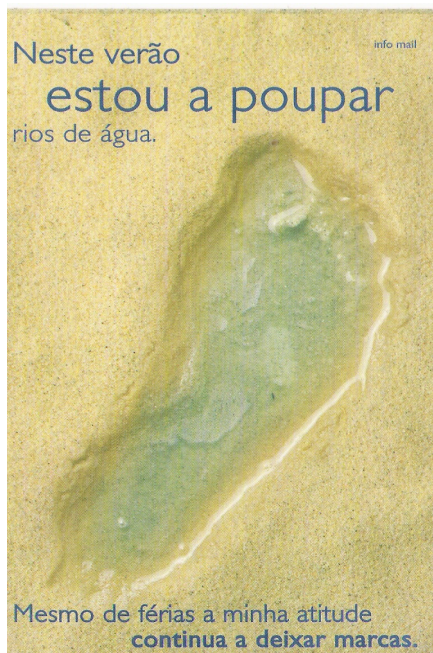
Quadro 1

A explica₁ a B	(que)	X explica₂ Y
Relação entre interlocutores a propósito de determinado objecto		Relação entre objectos (e não entre interlocutores)
Trata-se de <i>dar a conhecer</i> ou <i>fazer compreender</i> um objecto – descrevendo-o, explicitando-o		Trata-se de dar conta de um facto recorrendo a causa(s)
Via de acesso a um conhecimento – supõe um estatuto diferenciado dos interlocutores (um que não sabe e pergunta, outro que sabe e explica)		Modo de organização de um conhecimento
Está sempre presente, desde que um discurso (explicativo) é formulado/comunicado		Impossível dissociá-lo (em absoluto) do modo pelo qual se constitui

Quadro 2

<i>O Rui não veio porque está doente</i>	X PORQUE Y	<i>O Rui não veio porque não vejo o carro dele</i>
Y explica₂ X		Y justifica₂ Y
Razões que isolam nas coisas um factor, tido como causa – isto é, razões de ser e/ou de fazer	A presença do conector não assegura a interpretação explicativa ou justificativa	Razões que, no discurso, fazem crer que o discurso é verdadeiro – isto é, razões de dizer
Atitude de testemunha em relação aos acontecimentos constatados/descritos – pelo que a explicação é objectivante	Os procedimentos explicativo e justificativo estão relacionados com diferentes atitudes enunciativas	Atitude de agente implicado em relação aos acontecimentos e às razões que invoca – pelo que a justificação é subjectivante

Anexo 1



Anexo 2

Maitena, humorista de jornais como El País (Espanha), La Stampa (Itália), La Nacion (Argentina), Le Figaro (França), El Universal (México), Público (Portugal), entre outros, presenteia-nos com este novo álbum da série NÓS, AS MULHERES, intitulado ESPELHO MEU, EXISTE MULHER MAIS BONITA DO QUE EU?. Outra contribuição genial para a nossa saúde mental, ou não fosse o riso o melhor remédio para os nossos problemas: confere-nos um óptimo aspecto, não é pecado e além do mais não engorda.

TEMA-TÍTULO
Maitena,

ASPECTUALIZAÇÃO

..., humorista ...,

presenteia-nos com este novo álbum ...

Outra contribuição genial para a **nossa** saúde mental **ou não fosse o riso o melhor remédio para os nossos problemas**

[EXPLICAÇÃO ou JUSTIFICAÇÃO?!] : confere-nos um óptimo aspecto, não é pecado e **além do mais** [organizador aditivo com reforço de orientação argumentativa] não engorda